



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JOSÉ MACIEL MALHEIROS NETO

**CONCEPÇÃO ACERCA DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA: DIAGNÓSTICO A
PARTIR DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB.**

**CAMPINA GRANDE
2016**

JOSÉ MACIEL MALHEIROS NETO

CONCEPÇÃO ACERCA DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA: DIAGNÓSTICO A PARTIR DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB.

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Edna Maria Nobrega Araújo.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M249c Malheiros Neto, José Maciel

Concepção acerca da disciplina de geografia [manuscrito] :
diagnóstico a partir de alunos de escola pública de Campina
Grande, PB / Jose Maciel Malheiros Neto. - 2016.
33 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Edna Maria Nóbrega Araújo,
Departamento de História".

1. Ensino Público 2. Ensino de Geografia 3. Estudo de Caso
4. Sala de Aula I. Título.

21. ed. CDD 372.891

JOSÉ MACIEL MALHEIROS NETO

**CONCEPÇÃO ACERCA DA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA: DIAGNÓSTICO
APARTIR DE ALUNOS DE ESCOLA PÚBLICA DE CAMPINA GRANDE, PB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para a obtenção do grau de licenciado em Geografia.

Aprovado em: 30/06/2016

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nobrega Araújo
Profa. Dra. Edna Maria Nobrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marilja Maria Quirino Ramos
Profa. Ms. Marilja Maria Quirino Ramos (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Josandra Araújo Barreto de Melo
Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por iluminar meus caminhos, guiando meus passos; e nas horas mais difíceis me fazendo acertar a direção mais correta. Por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A minha mãe Auristela Moura Maciel, por sempre me incentivar e sempre está presente em todas as minhas conquistas sendo mais que mãe, sendo amiga, irmã, meu apoio de todas as horas; em minha vida.

A Minha irmã Karina Moura Maciel que sempre me apoia em tudo que faço, sempre buscando meu crescimento. A toda minha família, meu cunhado Fabio Thomas, meus sobrinhos Gabriel e Maria Eduarda que sempre foram o pilar que sustentou a minha vida.

Ao meu grande amor, companheira e amiga, Amanda Alves Soriano por me incentivar e apoiar, sem medir esforços e sacrifícios, sempre contribuindo para o nosso crescimento futuro.

A minha grande amiga Elida Nóbrega do Rego, pela paciência e contribuição indispensável para que esta etapa da minha vida fosse concluída, assim como sua irmã Edneide que me deu uma grande força bem como minha amiga e orientadora Edna Nóbrega sendo mais que Orientadora uma grande amiga de uma paciência invejável.

Aos professores Prof^ª. Ms. Marília Maria Quirino Ramos pela orientação, apoio e confiança. A Prof^ª. Dr^ª Josandra Araújo Barreto de Melo, agradeço a disponibilidade demonstrada na finalização deste trabalho. A Prof^ª. Dr^ª Edna Maria Nobrega Araújo, cujas orientações e ensinamentos levarei por toda minha vida profissional, deixo expresso o meu maior respeito e admiração pelas suas qualidades humanas e profissionais

A todos, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

	Páginas
1 INTRODUÇÃO	6
2 DESENVOLVIMENTO	7
2.1 Importância do estágio na formação do docente	7
<i>2.1.1 Caracterização da escola</i>	9
<i>2.1.2 Caracterização da turma</i>	11
2.2 Situando o ensino de Geografia	13
2.3 Propostas para a melhoria do ensino de Geografia na turma observada	16
2.4 Resultados	18
3 CONCLUSÃO	27
ABSTRACT	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO A	31

MALHEIROS, José Maciel Neto. **Concepção Acerca da Disciplina de Geografia: Diagnóstico a Partir de Alunos de Escola Pública de Campina Grande PB** UEPB. CEDUC Departamento de Geografia - Curso de Licenciatura em Geografia, Campus I Campina Grande - PB. 2016.

RESUMO

Diante de inúmeras dificuldades apontadas no meio educacional, trazemos para uma pauta de discussão os desafios de lecionar Geografia nas escolas públicas e, de modo especial, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, visto que representou o campo onde o estágio supervisionado foi realizado. Assim, destacamos uma vivência concreta da dinâmica da vida escolar com o público do 2º ano do Ensino Médio do turno noturno que, encontrando-se inserido na EJA (Educação de Jovens e Adultos), incorpora tanto idades mistas, como graus de conhecimentos e aprendizagem distintos. Portanto, o presente trabalho aponta a necessidade de se (re)pensar o ensino de uma maneira criativa, possibilitando maior compreensão do e para os educandos; incluindo abordagens que, possivelmente, possam superar ausência de material didático atualizado. Além disso, foram aplicados questionários para obter o diagnóstico da turma. Posteriormente, foi realizada a organização dos dados coletados e apresentados na forma de gráficos. Através destes, foi possível realizar um primeiro diagnóstico sobre a turma: qual a compreensão sobre o que é Geografia; a metodologia aplicada nas aulas e o nível de seu aproveitamento; a oportunidade de aulas de campo; como gostaria que fosse a estrutura de aulas; qual a relação com o professor; o que poderia ser mudado nas aulas.

Palavras-chave: Ensino Público; Geografia; Desafios.

1 INTRODUÇÃO

A Geografia trata-se de uma ciência interdisciplinar que, por natureza, transita por diversas áreas do conhecimento, o que possibilita, dentro do ensino regular, relacioná-la às diversas matizes do mundo globalizado, contemporizando informações e transformações que ocorrem a todo momento e que afetam, direta ou indiretamente, a vida de todos. Seja a partir de decisões tomadas, seja por mudanças geradas, há, por conseguinte, desdobramentos que influenciam o cotidiano das pessoas. Assim, para o amplo aproveitamento da Geografia, tanto durante o período de escolarização do sujeito, quanto diante da sociedade e ambiente envolvido, faz-se necessário que a formação do professor da disciplina seja concomitantemente teórica e prática, possibilitando contribuições para além da qualidade de ensino.

O professor precisa estar consciente de que a formação e aperfeiçoamento profissional são permanentes ou continuados sendo, portanto, integrados a sua vivência diária em sala de aula. Ou seja, é preciso que exista o diálogo entre a busca por mais saber com a própria experiência docente, constantemente permitindo-se a reflexões sobre a própria prática pedagógica, buscando canalizar informações, conteúdos, de acordo com a realidade que atua, voltando-se aos interesses e às necessidades de aprendizagem, desde as mais imediatas, dos educandos e educandas.

Torna-se, contudo, desafiador para os alunos da graduação em Geografia, obter a devida experiência para o processo de profissionalização educacional. Deste modo, o Estágio Supervisionado, objeto no qual foi baseado o presente trabalho, conquista o papel de laboratório para a "lapidação" do graduando, que busca uma maneira mais objetiva de conciliar teoria e prática.

Por outro lado, é notório que o corpo docente sente-se desvalorizado diante de tantas dificuldades, sem vislumbrar projetos que possam intervir no melhoramento do ensino. Todavia, não pode ser impedimento para uma consistente reflexão que viabilize a esperada melhoria da qualidade de ensino, primordialmente na educação básica e, de modo especial, tratando-se da EJA, visto que são as chamadas de turmas mistas.

Neste contexto, o presente trabalho mostra a necessidade de se dinamizar o ensino da Geografia em meio a desafios, fazendo com que os educandos tenham tanto estímulo quanto uma compreensão micro e macro das diversas facetas apresentadas na disciplina, abordando os temas de modo simples e dentro da realidade vivenciada pelos próprios alunos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Importância do estágio na formação do docente

Durante o estágio realizado, pôde-se observar a importância que o mesmo tem na formação acadêmica, tendo em vista a vivência com a realidade da sala de aula. Fez-se fundamental encarar frente a frente toda a dialética educacional, o número de alunos por sala, os problemas inerentes, atrasos constantes, o cansaço físico e mental de muitos dos alunos é notório – a grande maioria está inserida no mercado de trabalho durante o turno oposto –, a inquietude que domina praticamente a todos na sala, as conversas paralelas dificultando o desenvolvimento das aulas, toda a soma exige muito esforço do professor. No entanto, é o momento propício de se ter contato direto com a escola, mesmo na condição de estagiários, havendo, assim, aproximação com os alunos em sala de aula, e sentindo os desafios do trabalho docente.

Na presente experiência de estágio, a troca de conhecimentos chegou a ser muito prazerosa; cada aluno, a seu modo, cedeu atenção para melhor compreensão dos assuntos e dos temas abordados, embora uma pequena parte, ou seja, cerca de três ou quatro alunos precisaram, na verdade, ser chamados atenção em alguns momentos.

Na visão de Pimenta (1997, p. 21) o Estágio Supervisionado são "as atividades que os alunos deverão realizar durante o seu curso de formação, junto ao futuro campo de trabalho". Não tão distante de tal opinião, para Buriolla (2001, p.13) o estágio é concebido como um campo de treinamento, um espaço de aprendizagem de fazer concreto, onde um leque de situações, de atividades de aprendizagem profissional, se manifesta para o estágio, tendo em vista sua formação.

Nesta perspectiva, o estágio é essencial para que o docente decida qual a linha a seguir diante de sua vida acadêmica, pois o estágio começa não ao chegar propriamente em sala, mas antes: ao elaborar um plano de aula, aperfeiçoar estudos sobre o assunto em desenvolvimento nas aulas, escolher metodologias a serem aplicadas que melhor se coadunam com o conteúdo e efetivam o aprendizado do alunado. Em seguida, pode-se perceber a característica da turma abordada, se corresponde à linha seguida, sendo bem acolhida e também significativa para a aprendizagem.

Algo fundamental no estágio é exatamente a possibilidade de se poder ir moldando e modificando a maneira de “transmitir” o conhecimento. Agora, todavia, tendo em vista que a

palavra “transmitir” vem a ser vinculada ao ensino tradicional, é certamente arbitrário seu uso na contemporaneidade, pois de fato, faz enxergar o aluno unicamente como passivo, acumulador de informações fragmentárias, sem estímulo real que lhe impulse a tomar consciência do que aprende como verdadeira ferramenta de atuação social. Por isso, umas das mais esperadas mudanças de atitude por parte do professor, seria justamente a de superação de padrões repetitivos e ineficientes.

Evidentemente, uma rotina escolar pode e deve permitir aulas ainda em moldes clássicos. Porém, estas não mais deverão seguir um “ritmo ditatorial”, por assim dizer, de exposição-teste-avaliação com seguida “punição” ou simplória aprovação no assunto trabalhado. Mas, mesmo em se tratando de um *modus operandi* já muito desbastado, deve-se, acima de tudo, primar pelo entendimento dos estudantes, despertando-lhes com as exposições ministradas, reflexões, inquietações e estímulos até para algum aproveitamento de intervenção no meio em que vivem.

Ainda, reiterando sobre possíveis maneiras de se reconduzir o ensino – articulando novas tomadas de decisões, atualizando a práxis de ensino, adequando-a à experiência de cada turma e a sua maneira de ser movida pelo conteúdo – vem a se constituir, no entanto, verdadeira obrigação imprescindível tais redirecionamentos. “O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, às dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos”. (LIBÂNEO, 1994 p.250)

No decorrer das aulas, percebe-se a importância da postura do professor para a construção do respeito mútuo, pois, mesmo o professor escolhendo o assunto e a metodologia a ser aplicada, é dever do mesmo fazer com que o alunado seja motivado a participar das aulas e, assim, conseguir ensinar e construir o conhecimento. Destarte, o estágio, também neste ponto, torna-se muito valioso para a formação acadêmica, porque é ele que possibilita a escolha da postura que se quer seguir ao longo da docência, ou seja, ele ensina a cada um construir a identidade a ser seguida durante sua vida profissional.

Segundo Passini, Passino e Malysy (2010, p.29) o estágio supervisionado tem um papel fundamental na formação do futuro professor. Permitindo ao aluno universitário embasamento primordial e, com isso, garantir se vai continuar ou não na docência. Além disso proporcionar ao estagiário, por meio da disciplina, o cotidiano escolar, onde todas as fases do estágio são relevantes, dando a oportunidade de preparar o ainda discente emocional e profissionalmente para as situações que serão comuns no decorrer de sua prática futura. Autores enfatizam o estágio tanto de observação e participação, como de regência, que

possibilita ao licenciando a vivência das relações no cotidiano escolar, adquirindo informações e habilidades para se formar como novo profissional.

De acordo com Cavalcanti (2002) a Geografia escolar tem procurado pensar o seu papel nessa sociedade em constante mudança, de maneira a indicar novos conteúdos, reafirmar alguns, reatualizar outros, questionando métodos convencionais, postulando novos métodos. No intuito de quebrar o padrão rígido, imposto por uma educação escolar deveras ortodoxa, ou mesmo ultrapassada, recoloca-se a Geografia dentro de um paradigma multifacetado que já lhe próprio. A disciplina em questão não atinge seu objetivo elevado quando fica cercada por um ensino de enfoques limitadores, distante da realidade dos alunos, quando sabemos que a Geografia é ampla, abrangente e complexa. E é neste movimento de interação com o mundo real, com a vida cotidiana, de interrelações com tantos outros saberes, que as aulas de Geografia podem ser dinâmicas e atrativas, envolventes e colaborativas para o desenvolvimento dos educandos diante de suas jornadas em sociedade.

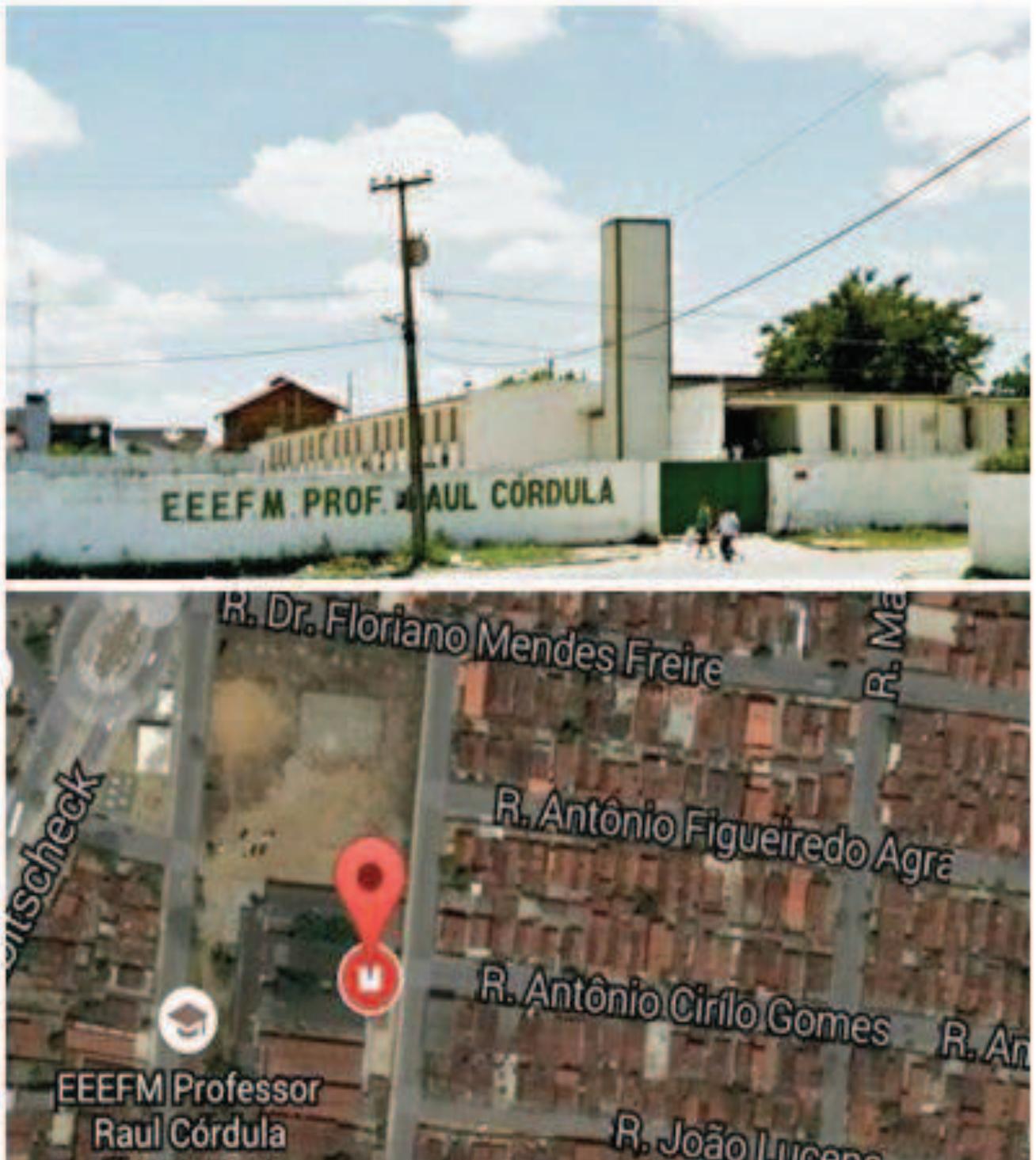
Segundo Perrenoud (1999, p.5) “sem dúvida, os professores, os alunos e seus pais fazem parte do mundo do trabalho, e evidentemente, da sociedade civil. Assim, por meio deles”, a sociedade está dentro da escola tanto quanto o inverso. Se a sociedade muda, a escola deveria evoluir junto a ela. É na escola que se forma o senso crítico do cidadão, é na escola que se poderão remediar os principais problemas sociais, pois a educação formal aliada à práticas de uma educação de mais amplo sentido é caminho para que seja possível uma mudança positiva na sociedade – a escola, juntamente com o professor, também é responsável por educar o ser humano para a vida. “A escola é uma coletividade. É nela que os educandos deverão aprender que: é no coletivo que nos fazemos sujeitos de luta, é no coletivo que nós nos educamos. Ninguém conquista seu território sozinho.” (OLIVEIRA, 2008, p.5).

Desse modo, podemos perceber que o estágio não apenas insere o estagiário no cotidiano da escola, através das práticas da docência, mas o coloca em contato com a própria sociedade.

2.1.1 Caracterização da escola

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, está localizada na Rua Gábio José de Oliveira, S/N, no bairro do Novo Cruzeiro, na Zona Sul do município de Campina Grande, PB. A escola recebe alunos de todo o bairro, bem como de outros locais da cidade que utilizam do transporte coletivo para estudar. Através da Figura 01 observa-se a localização geográfica da escola em estudo.

Figura 01: Representação espacial da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula.



Fonte: *facebook* da Escola Raul Córdula.

A escola foi inaugurada no dia 16 de fevereiro de 1980 e atualmente possui 2.305 alunos matriculados, sendo destes 851 alunos fazem parte da EJA. A escola possui sete professores de Geografia. As condições físicas da escola podem ser consideradas boas, possuindo salas amplas em bom estado de conservação, tendo uma razoável sala de

professores, uma sala de diretoria, um bom refeitório, corredores amplos, com acessibilidade para portadores de deficiências motoras e visuais, um auditório amplo, assim como possuindo um campo de futebol e área de estacionamento. As salas de aula são iluminadas e comportam uma média de 40 alunos – mas são matriculados, em média, de 30 a 35 alunos por turma, dependendo do turno. Entretanto a turma acompanhada na realização deste estudo possui 20 alunos.

Na biblioteca há uma quantidade satisfatória de livros de Geografia, além de outros das demais disciplinas e com algumas revistas e jornais (alguns antigos). Possui quatro mesas amplas para estudos e um computador. No que se refere a outros materiais didáticos geográficos observou-se, ainda, alguns mapas e um globo. Todos os materiais estão sempre disponíveis nos três horários. O laboratório de informática possui 15 computadores novos e em bom estado de conservação e todos com acesso à internet. O seu funcionamento se dá nos três turnos.

2.1.2 Caracterização da turma

O estágio foi realizado no segundo semestre na EJA (Educação de Jovens e Adultos), que apresenta um calendário antecipado e diferenciado, então, foram abordadas as últimas aulas antes das provas e finais. Assim sendo, mesmo em um curtíssimo período, pôde-se aprender muito com os alunos. Mesmo fatigados do dia a dia exaustivo de trabalho, estão dispostos a assistirem aula, seja para obter um crescimento individual, seja no trabalho, dar continuidade aos estudos para ingressar em alguém curso universitário ou, como no caso de alunas portadoras de necessidades especiais, o trabalho desenvolveu-se no sentido do ato de socialização.

Sabe-se que Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade da educação básica marcada pela luta e direito à educação escolar por parte de uma parcela da população brasileira que não teve acesso ou não concluiu seu processo de escolarização convencional durante a infância e adolescência, mas que deseja continuar estudando. No entanto, apesar das dificuldades enfrentadas pelos alunos, foi observada a presença continua de turmas em formação. Segundo, Cury a EJA é:

uma dívida social não reparada para com os que não tiveram acesso a ela e nem domínio da escrita e leitura como bens sociais, na escola ou fora dela, e tenham sido a força de trabalho empregada na constituição de riquezas e na elevação de obras públicas. (CURY, 2000, p. 5).

De um modo geral, os referidos estudantes retornam à escola pela dificuldade de conseguir espaço no mercado de trabalho ou por desejarem melhoras profissionais. Por esse

motivo imediato, dentre tantos, é importante que os professores tornem as aulas mais próximas da realidade dos alunos. A primeira realidade a ser considerada para as trocas de experiências seria a da lenta ou baixa apreensão informativa, uma vez que os jovens e adultos retornam à escola com mais dificuldades que nas idades convencionais.

No ano de 2000 Lei 9.394/96 (LDBN Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) passou reconhecer a EJA como modalidade do sistema educacional brasileiro a ser ofertada pelo poder público tanto no nível Fundamental como no nível Médio de ensino.

Como os alunos da Educação de Jovens e Adultos são pessoas que já vêm à sala com uma boa experiência de vida, tendo em vista que são adultas em sua maioria, com muitas responsabilidades – tais como trabalhar fora, trabalhos domésticos, cuidado com crianças, estudos, entre outros. –, durante o estágio tentou-se adquirir um vínculo emocional com os alunos dentro da sala de aula, afinal de contas, ao se fazer uma troca de experiências é necessário embasá-la na proximidade interpessoal. Na verdade, antes de ser professor deve-se aprender a ser educador. Assim, a relação docente-discente tem uma importância crucial no processo e na didática, visto que está intimamente ligada à prática de ensino, maneira pela qual se estabelece a transmissão e assimilação do conteúdo.

O professor tem que combinar certa severidade e respeito, conciliando-os à disciplina. Enquanto o processo está sob o controle do professor, estabelecem-se normas com as quais se espera que os alunos hajam de acordo no intuito de serem favorecidos, desde orientações para a aprendizagem, bem como diante de tarefas independentes, estimulando a autonomia dos mesmos.

A autoridade do professor e a autonomia dos alunos se complementam, o professor figura na sala de aula com o papel de regulador social que irá realizar a mediação do indivíduo para com a sociedade – o aluno e a classe. O aluno tem, da mesma forma, uma liberdade individual que está sob as condições colocadas pelo grupo e pelo professor. No entanto, o professor não deve ser autoritário e a sua relação com o aluno não está de todo livre de conflitos, contudo, a sua autoridade não deve suprimir a autonomia dos alunos.

Tal pré-requisito de base educativa, tanto deve ser aplicado na escola como um todo, como vem a ser de suma importância dentro do ensino da Geografia. Pois, como articular certa renovação na metodologia, tornando-a ao mesmo tempo atrativa e pontual na evolução integral do estudante, sem antes oportunizar uma interação saudável entre mestre e educandos?

“O trabalho de educação geográfica na escola consiste em levar as pessoas em geral, os cidadãos, a uma consciência da espacialidade das coisas, dos fenômenos que elas

vivenciam”. (CAVALCANTI, 2002, p. 12). Sendo assim temos sempre que considerar o conhecimento prévio de cada um, sobretudo na EJA, não só porque chegam à escola cansados das atividades diárias, estando mais atentos a fatos que os cercam do que a matérias que exigem da cognição, mas, precisamente, porque este mesmo fator cognitivo receberá estímulos adequados para uma melhor apreensão de qualquer “novidade” em termos de conteúdo ensinado, estará, de fato, receptivo. Torna-se então de maior proveito tentar inserir o conteúdo Geográfico dentro das experiências do dia a dia.

É necessário superar a ideia de que a EJA se esgota na alfabetização, desligada da escolaridade básica de qualidade. É também necessário superar a descontinuidade das ações institucionais e o surgimento de medidas isoladas e pontuais, fragmentando e impedindo a compreensão da problemática. É preciso desafiar o encaminhamento de possíveis resoluções que levem à simplificação do fenômeno do analfabetismo e do processo de alfabetização reduzindo o problema a uma mera exposição de números e indicadores descritivos. Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a ela recorrem tornam-se, pois, um caminho renovado e transformador nessa área educacional. (LOPES; SOUSA; APUD: ARBACHE, 2001, p.13).

A educação de jovens e adultos veio para tentar “realinhar” uma nação que saiu da escola antes de concluir o ensino básico, de maneira a se deixar escapar um número quase que insignificante de sujeitos nesse contexto em um determinado prazo. No entanto, não se deve esquecer que cada sujeito possui sua história, e cada um possui um “relacionamento” com a escola. A educação que antes era para ser apenas reparadora, hoje também reaproxima os sujeitos do ensino, e ainda preza para que essa reaproximação seja de um ensino de qualidade, para que ele não se “acomode” após a EJA.

Verificou-se que, por se tratarem de sujeitos há tempos fora da sala de aula, o ritmo de aprendizagem não é mais o mesmo, devido aos anos afastados dos estudos, até mesmo por estarem desabitados à influência benéfica que a escola pode proporcionar em suas vidas, mas que requer certo compromisso. Todos os sujeitos, sejam velhos ou novos, têm condições de aprender, entretanto, a velocidade com que o mundo evolui, as inúmeras informações que precisamos saber a cada dia e, ainda, o misto de sujeitos de diferentes idades na mesma sala de aula, agrava a situação da “demora” da aprendizagem de alguns alunos.

2.2 Situando o ensino de Geografia

Durante muito tempo, a Geografia foi vista como uma disciplina estática, onde, devido ao seu caráter tradicional na sala de aula, era mais conveniente seu ensino como uma ciência sem grande importância, sem relação direta com a vida cotidiana dos alunos. Sendo ensinada desta forma, os alunos não obtinham seus próprios posicionamentos a respeito do que era

exposto na sala. Como afirma Nunes (2008), a Geografia tradicional servia ao poder e sua forma descritiva da realidade camuflava a sua importância.

Contudo, por se tratar de uma ciência que está ligada ao campo das Ciências Sociais e Naturais, estudando o espaço geográfico e abrangendo todas as relações existentes neste, o estudo da Geografia tornou-se cada vez mais amplo com o desenvolvimento da sociedade e de seu relacionamento com a natureza. Assim, o ensino da Geografia está intimamente ligado aos acontecimentos cotidianos e do mundo, necessitando-se uma atualização constante para ensiná-la e que, muitas vezes, gera dificuldades tanto a partir do ensino do professor, quanto para a assimilação pelo aluno.

Às dificuldades básicas, já conhecidas superficialmente, que dizem respeito ao próprio “ensinar” em escolas estaduais, agrega-se a dificuldade própria do ensino da Geografia. Ribeiro (2008) afirma que no ensino da Geografia deve-se considerar a realidade no seu conjunto: o espaço dinâmico que sofre alterações em função da ação do homem e este é um sujeito que faz parte do processo histórico. Dessa forma, deve-se colocar o aluno como elemento ativo, participante direto do momento histórico em que vive. Sendo assim

entende-se que, o papel do professor seja o de orientar o aluno na percepção da realidade e da natureza das relações entre os diversos elementos que compõem uma determinada sociedade, pois será através das questões levantadas em sala de aula, que eles terão condições de observar, discutir e analisar fatos, buscando soluções para determinados problemas, atuando ativamente no meio em que vivem. (NUNES, 2004, p.152).

Cavalcante (2002), afirma que o ensino de Geografia tem como finalidade básica a ação de trabalhar o aluno juntamente com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, com o cotidiano, para, assim, criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise da natureza com a sociedade e como estas se relacionam e quais as dinâmicas resultantes deste relacionamento.

No que se refere à relação interdisciplinar, é válido lembrar que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) não oferecem ferramentas, modelos e/ou instrumentos claros o suficiente para serem postos em prática pelos professores. Macedo (1999) aponta falhas nos PCNs no que concerne ao esclarecimento sobre a diferença entre interdisciplinaridade, transversalidade e aplicação de projetos em sala de aula.

Deve-se deixar bem claro que outro aspecto muito importante para viabilizar a melhora do ensino de Geografia nas escolas, precisamente nas públicas, é exatamente o posicionamento do professor com relação ao alunado.

A interação professor–aluno é um aspecto fundamental da organização da ‘situação didática’, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão

e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. Entretanto, esse não é o único fator determinante da organização do ensino, razão pela qual ele precisa ser estudado em conjunto com outros fatores, principalmente a forma de aula (atividades individuais, atividades coletivas, atividades em pequenos grupos e atividades fora de classe) (LIBÂNEO, 1994, p.249).

É por meio desta interação que se obteve a opinião dos alunos, e seria na relação estabelecida entre aluno e professor que se vai descobrir as dificuldades diante do assunto exposto e suas possíveis assimilações, pois cada aluno tem seu tempo de aprendizado.

Sendo assim, vê-se a necessidade de uma maior união/interação entre os professores na busca de meios, como a aplicação de trabalhos integrados, para incentivar os alunos a aprenderem. Sobretudo no âmbito público, no qual se agregam problemas de tantas ordens. No caso da Geografia, pode-se facilitar o aprendizado, entre outras formas, relacionando-se a matéria a conhecimentos de interesse do aluno, ou seja, como assegura Nunes (2004), o professor deve ministrar conteúdos entendendo que não há aprendizagem significativa em um ambiente onde os objetivos do professor não coincidirem com os de seus alunos. O autor cita, ainda, como exemplo, os programas de Geografia exigidos para as 5ª séries, em que muitos conteúdos são abstratos se comparados ao desenvolvimento cognitivo dos alunos e, por isso, não atingem os objetivos almejados para essa faixa etária.

Assim como foi citado anteriormente, nas escolas de primeiro e segundo grau da rede pública, ou do atual ensino Fundamental e Médio, as dificuldades inerentes ao ensino da Geografia agregam-se à degradação geral das condições de ensino e trabalho dos professores. Tadiotto *et.al* (2005) explica que a Geografia vê-se diante de um impasse: de um lado, as universidades, com um movimento crítico em relação às concepções tradicionais da Geografia e todo um processo de reformulação que repercute no ensino através do surgimento de novas propostas curriculares, e do outro, os professores mergulhados em desânimo, dúvidas e frustrações diante de uma escola onde pouco se ensina e aprende. Por isto, vê-se a importância de se identificar as dificuldades encontradas pelos professores e formas de melhoria do ensino.

Reitera-se então o outro fator que dificulta o ensino de Geografia, durante muito tempo ela foi vista como uma disciplina que estudava a área física, isso a transformou em algo monótono e tradicional, os alunos até hoje sentem dificuldades em relacioná-la com a vida cotidiana.

Na atualidade encontram-se muitas dificuldades em salas de aulas para ensinar Geografia, porém, no âmbito de escolas públicas, pode-se dizer que apesar de ter melhorado a visão sobre a Geografia, os alunos, e infelizmente alguns professores ainda a ensinam sem correlacioná-la com a vida do alunado. Outras questões, vale citar, é a falta de material

didático na escola, a falta de cursos de aperfeiçoamento e especializações para os professores, isso os deixam desatualizados diante das novas metodologia o que, em muitos casos, justifica as aulas consideradas monótonas por parte dos alunos.

O âmbito escolar deve ser um ambiente agradável, lúdico e espaçoso que precisa condicionar exigências mínimas para professores e alunos ventilarem um campo propício e contínuo de conhecimentos. Porém, nem toda escola possui os espaços necessários ao bom funcionamento. E quando possui não são usados, são deteriorados, nem sempre possui os materiais adequados e suficientes, etc. Ou seja, falta muito desempenho para que a escola consiga atingir seus objetivos.

No entanto, quando se fala em melhores condições não há a referência apenas aos suportes materiais e espaciais da conjuntura escolar, algo muito importante e faz-se necessário pensar tem uma perspectiva ainda mais vasta: a observância de investimentos mais intensificada em médio prazo no que tange ao material humano, docente e discente.

Pode-se afirmar que para se ver melhoramentos ocorrerem no ensino de Geografia no âmbito das escolas públicas, faz-se necessário um “atualização” dos atuais professores e uma melhor valorização dos profissionais, evitando que fiquem desestimulados. Os profissionais tem que ser conscientes de que ensinar Geografia consiste em não ficar preso apenas aos livros didáticos, mas trabalhar com o próprio meio. Tem-se que fazer o aluno olhar o mundo e ter a consciência de que podem e devem ser cidadãos melhores e, com suas ações, melhorar suas vidas, seu bairro, enfim, sua espacialização.

2.3 Propostas para a melhoria do ensino de Geografia na turma observada

De acordo com o que foi analisado em sala de aula, algumas inquietudes levam a repensar na forma de lecionar, visto que a relação entre aluno e professor envolve interesses distintos e comuns ao mesmo tempo: ensinar e aprender. Para tanto, é necessário melhorar a qualidade do ensino: Estimular a construção de conhecimentos dentro e fora da sala de aula, pois é importante que a sala de aula não seja apenas o quadrado por entre os muros, mas a própria vida, permitindo a construção do saber no espaço geográfico de seu habitar; Auxiliar os alunos a formar raciocínio próprio e concepções mais articuladas em relação ao espaço em que vivem – introduzindo mapas, imagens e alguns atlas que seriam de grande utilidade para a fixação do conhecimento adquirido –; Redefinir a forma de avaliação, tanto em sua qualidade como na sua adequação ao projeto de ensino do professor; Utilizar as práticas de ensino que incluem diversos tipos de impressos – livros didáticos, paradidáticos, de divulgação científica,

literários, obras de referência, como dicionários, enciclopédias, ou livros de consulta como gramáticas, atlas, jornais, revistas, mapas, de maneira a otimizar a seleção e a utilização desses impressos; Intervir nos assuntos de forma que incluam outros tipos de materiais tais como laboratórios, jogos, vídeos e áudios, em outros suportes e linguagens, de maneira a criar condições favoráveis a sua seleção e utilização de outras mídias e linguagens – radiofônica, televisiva, digital, de maneira a fazer render a seleção e a utilização desses meios e tecnologias.

As habilidades desenvolvidas com a utilização de linguagens e recursos diversos associados às de leitura e escrita tornam os alunos capazes de perceber e expressar as diversas formas de manifestação dos sujeitos e as diversas maneiras com que a vida é desenvolvida em diferentes espaços e tempos, além de fazê-los capazes de relacioná-las e compará-las ao tempo e espaço vividos (SANTOS; COSTA; KINN, 2010, p 46).

Nesse sentido, uma das possibilidades é utilizar imagens de satélites, já que vivemos na atualidade uma era midiática, na qual a velocidade de comunicação, as informações nos chegam em tempo real, e por que não utilizarmos estas ferramentas quando facilmente disponíveis? Aproximar os alunos das tecnologias e promover uma aula dinâmica, saindo das aulas tradicionais que distanciam o aluno da realidade vivida faz sentido ao próprio ensino.

Segundo Santos (1994), o meio técnico-científico-informacional é um processo de cientificização, tecnização e informatização do espaço que faz da informação uma variável fundamental para se viver na sociedade globalizada. Infelizmente, nas escolas públicas, não faz parte da realidade dos alunos – o que para os alunos da EJA seria fundamental.

As imagens associadas aos ensinamentos em sala de aula possibilitam ao alunado ter noções não só da parte da Geografia física, mas também humana. Ter noções espaciais, assim como levado a identificar os espaços produzidos e diferenciar o que seria uma paisagem um território, um lugar vem a ser basilar. O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, entendido como o espaço produzido e apropriado pela sociedade, composto pela interrelação entre sistemas de objetos e sistemas de ações. A aula de campo apresenta-se como uma possibilidade para alcançar os objetivos eficazes. Tendo em vista que a turma da EJA, onde em sua maioria está inserida no mercado de trabalho, com pouco tempo para os estudos formais, há a seguinte ideiação: uma aula de campo em horário alternativo, sendo o domingo o melhor dia proposto pelos mesmos. A aula de campo proporciona ao alunado um sensoramento pessoal, usando seus sentidos humanos, vivenciando o espaço produzido e reproduzido pela sociedade, aliando a teoria trabalhada em sala de aula *in loco*, possibilitando ao docente-estagiário de Geografia momentos de reflexão, troca de ideias e de experiências,

permitindo ir além da simples exposição mecânica dos conteúdos em sala de aula, eis que possibilita a compreensão de uma realidade palpável.

Segundo Suertegaray (2001, p. 3) “no método positivista, tão conhecido nosso, o campo (realidade concreta) é externo ao sujeito. O conhecimento/a verdade está no objeto. portanto no campo, no que vivemos”.

Nesse sentido, destacamos a importância da aula de campo, que proporciona a análise real, fazendo parte do método de investigação, mostrando o movimento da sociedade como um todo, legitimando o uso deste instrumento na formação e percepção Geografia para o alunado.

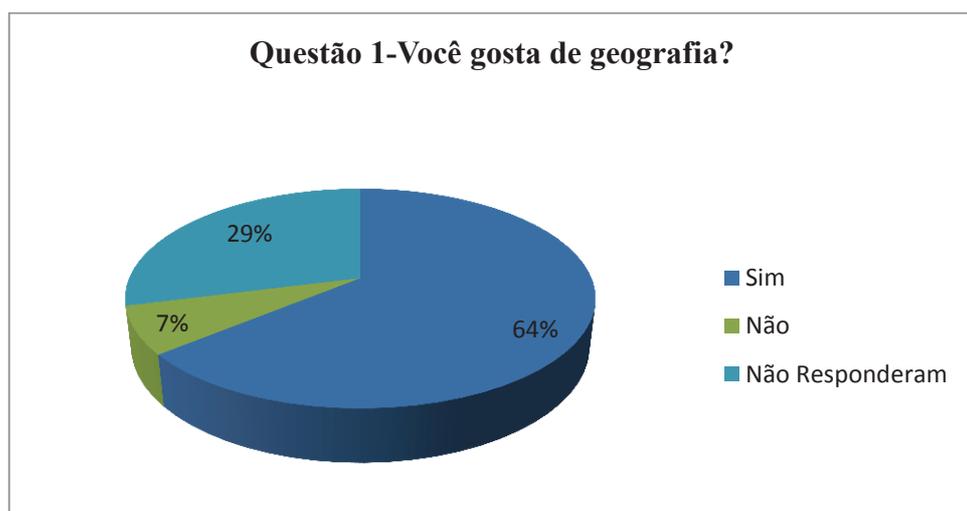
2.4 Resultados

O diagnóstico foi feito com base nas respostas obtidas com a aplicação dos questionários (ANEXO, p31). Questionário fornecido pela própria Instituição da Universidade Estadual da Paraíba através do professor orientador Aldo Gomes Leandro, da disciplina de Prática Pedagógica.

Com base na categorização das respostas, classificou-se cada uma das questões quanto ao motivo explicitado das respostas e quanto ao número de ocorrência, descrevendo-as simultaneamente com as respostas dadas pelos alunos.

Ao concluir-se a categorização das respostas dos alunos, puderam ser constatadas algumas temáticas relevantes com relação à disciplina Geografia, bem como a sua metodologia/aprendizagem. Essas temáticas estão representadas através das Figuras a seguir:

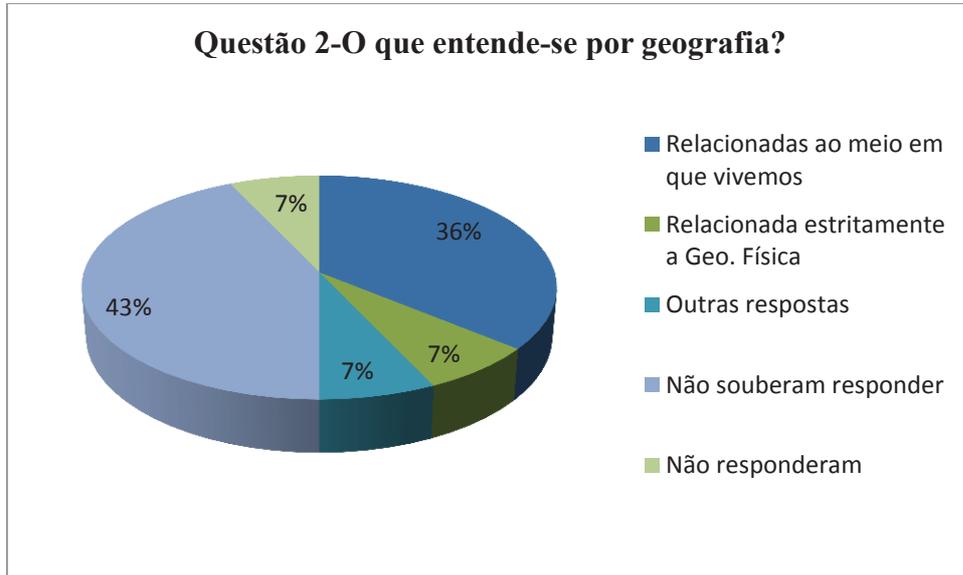
Figura 02 – Questão 01: Avaliação o interesse do aluno pela Geografia.



Pode-se observar que a maioria dos alunos identifica-se com a Geografia por gostar dos temas abordados pela disciplina nos dias atuais (a Geopolítica), constatando-se que só 7%

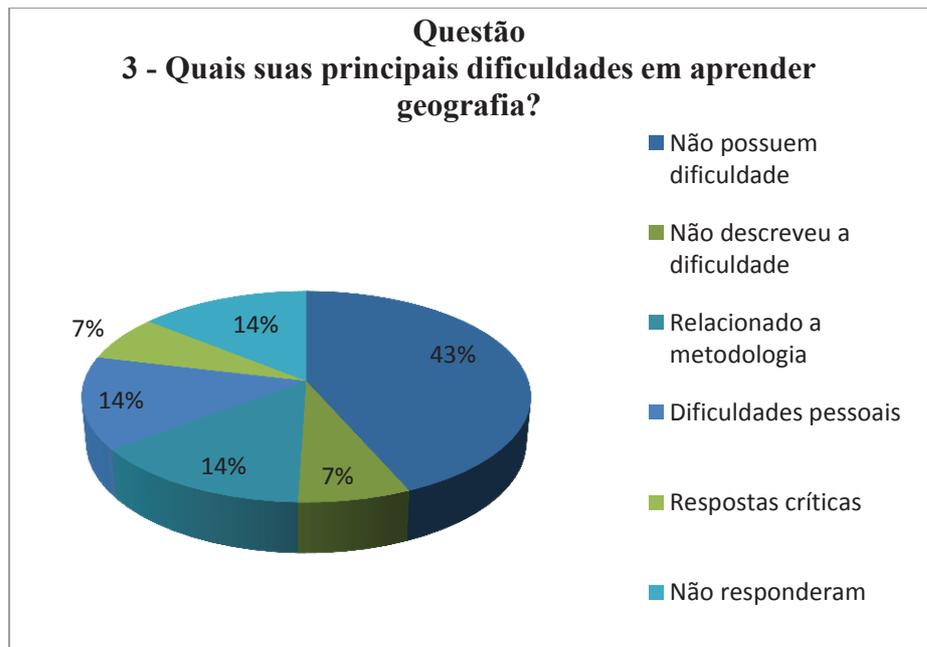
não gostam da disciplina por não se identificarem com a mesma, devido à docência ou a metodologia. E 29% não responderam a pergunta.

Figura 03 – Questão 02: O entendimento a respeito da ciência geográfica.



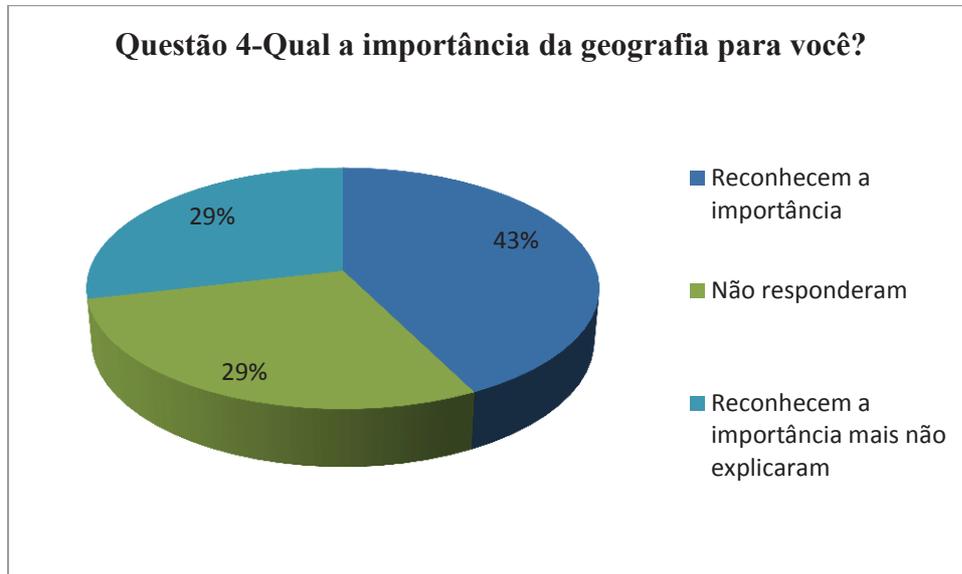
É interessante observar que, conforme a temática, 36% dos alunos entendem que a Geografia é uma ciência do meio ambiente, tendo para si esse tipo conhecimento científico. Contudo, observa-se que alguns alunos entendem a Geografia como uma ciência meramente física, ou seja, o estudo das características naturais existentes na superfície terrestre, o estudo das condições da natureza ou paisagem natural. E 7% não quiseram ou não souberam responder.

Figura 04 – Questão 03: Quais suas Principais dificuldades em aprender Geografia?



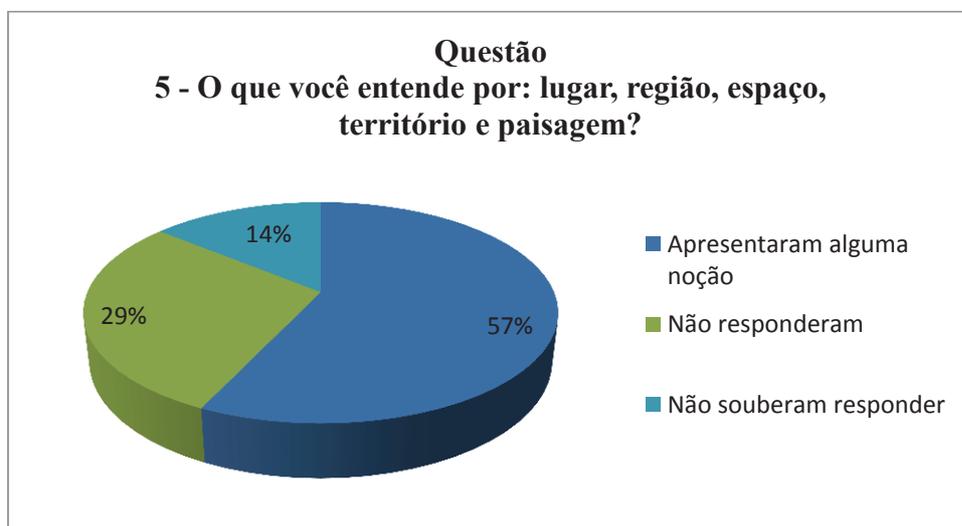
Nota-se que 43% não possuem dificuldades em aprender a Geografia, contudo 14% relatam que possuem dificuldades devido à metodologia aplicada pelo docente. E 14% não responderam.

Figura 05 - Questão 04: Entendimento da importância da Geografia.



Viu-se que 43% dos alunos relatam que a Geografia os ajuda a se localizar e mostra onde os fenômenos sociais estão. Não souberam responder 29% dos alunos e mais 29% reconhecem a importância mais não explicaram.

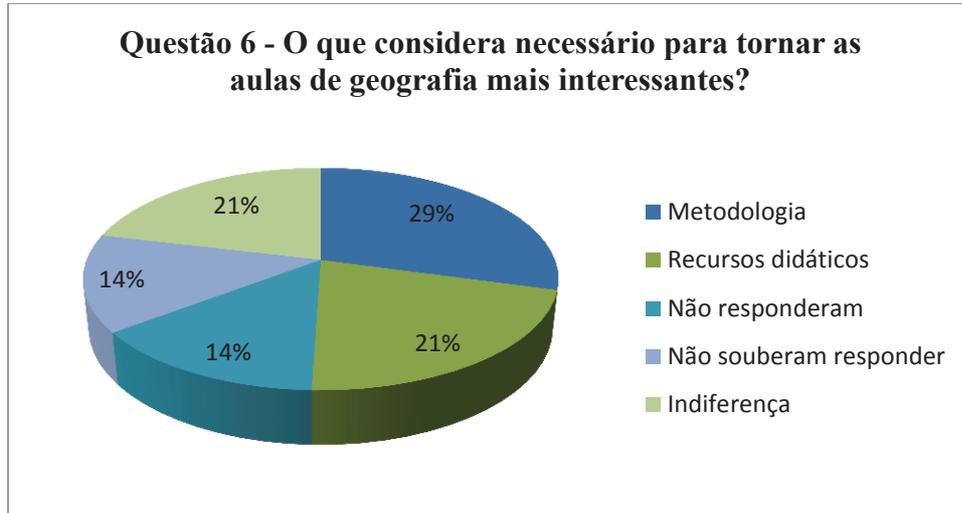
Figura 06 – Questão 05: Concepção dos alunos quanto às categorias Geográficas.



Observou-se que os alunos têm uma grande dificuldade de identificar essas categorias, mas as que eles mostraram alguma noção foram justamente a da paisagem, onde eles descrevem os locais de que mais gostam em sua cidade; em segundo lugar foi o espaço, onde eles observam as modificações que o homem (sociedade) produziu durante os anos; e em terceiro lugar foi o *lugar*, onde eles relatam de onde vêm e localizam a sua cidade ou o seu

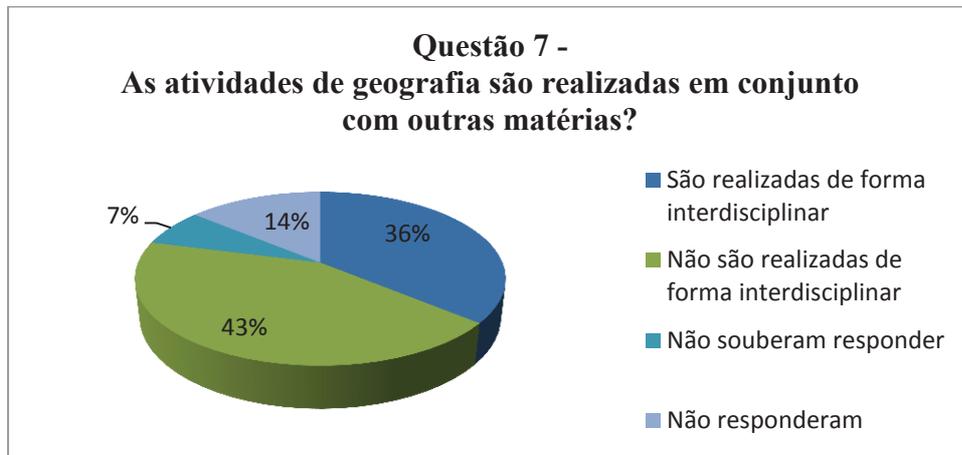
bairro. Em quarto lugar foi a região, onde eles identificam o seu próprio Estado; em quinto lugar o território, onde eles reconhecem as regiões mais ricas do Estado e/ou país.

Figura 07 – Questão 06: Sugestões dos alunos para a melhoria do ensino de Geografia.



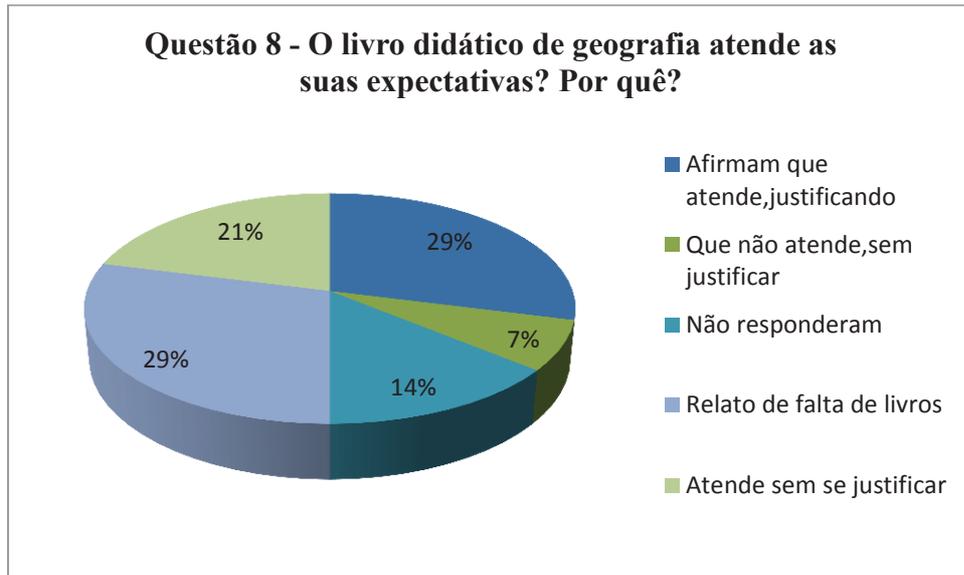
Grande parte dos 29% reclama da má metodologia adotada pelos professores na instituição de ensino associada à falta de recursos didáticos; 21% para o melhor aprendizado dos mesmos.

Figura 08 – Questão 07: Atividades interdisciplinares no ensino de Geografia.



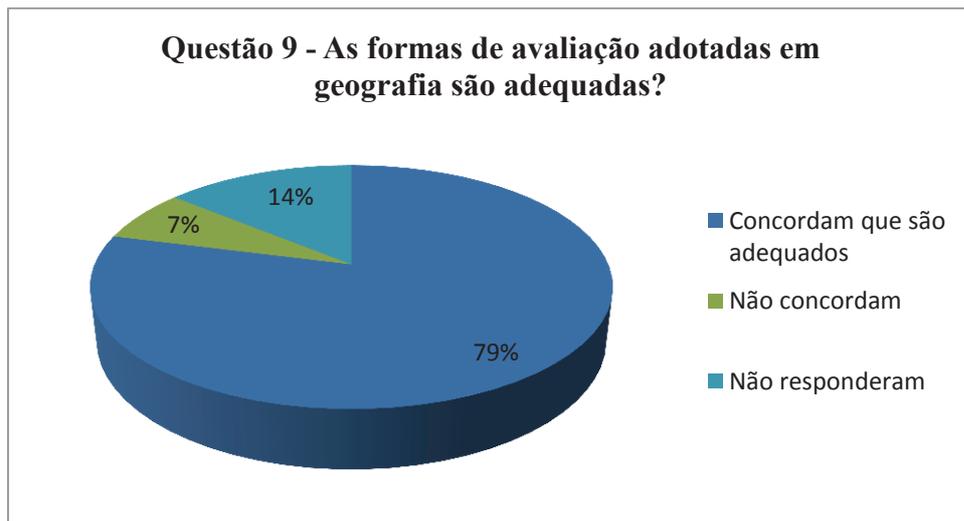
Para a maioria dos alunos, 43%, as atividades não acontecem de forma interdisciplinar. Os que afirmam que acontecem, 36%, relatam que isso acontece muito raramente “de vez em quando em história”, mostrando que são poucas as atividades em conjunto com outras disciplinas.

Figura 09 – Questão 08: Percepção sobre o livro didático adotado.



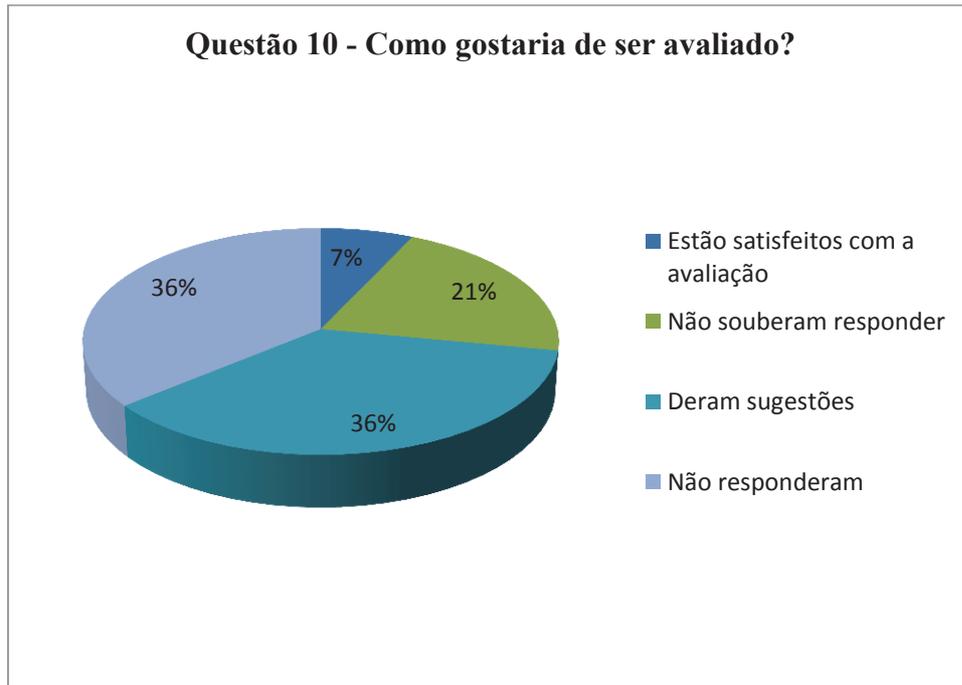
Enquanto 29% relatam que o livro didático atende as suas expectativas, outros 29% dos alunos se recate pela falta do mesmo, chegando a se queixar que “se tivesse...”.

Figura 10 – Questão 09: Concepção sobre a avaliação.



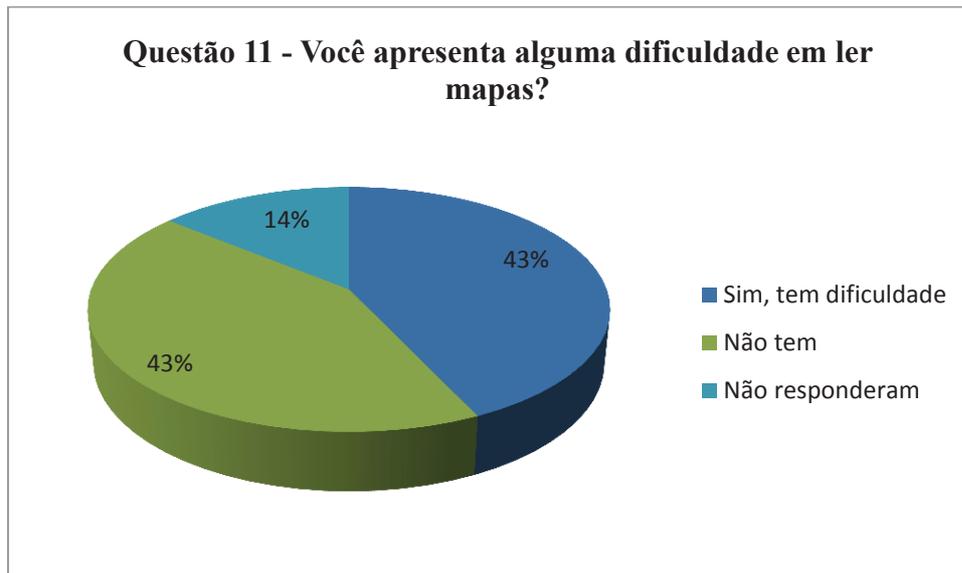
A grande maioria, 79%, concorda com a avaliação adotada pelos docentes, mostrando a satisfação por parte dos docentes sobre a avaliação.

Figura 11 – Questão 10: Opinião quanto à avaliação.



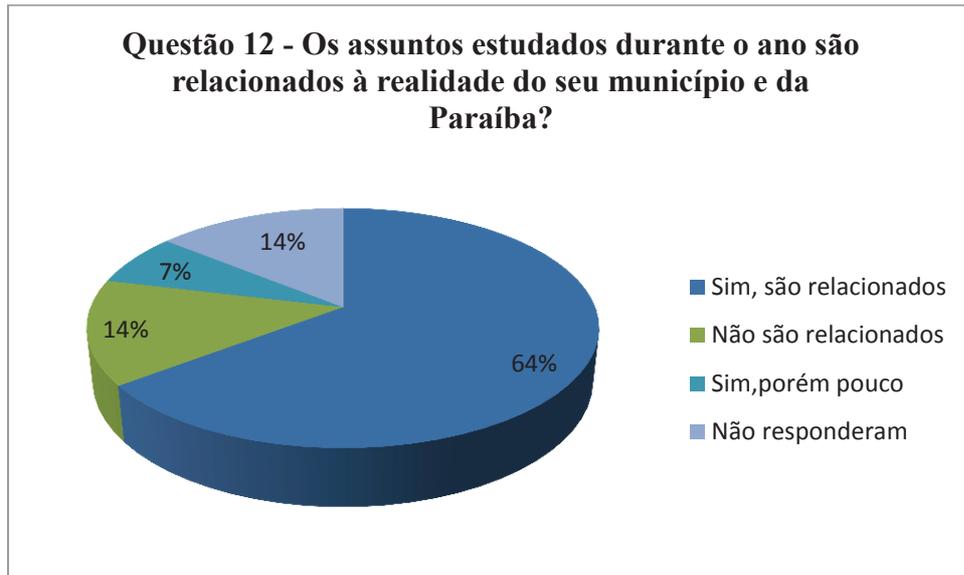
Grande parte dos alunos, 36%, deram sugestões conforme a maneira de ser avaliados.

Figura 12 – Questão 11: Dificuldade na leitura de mapas.



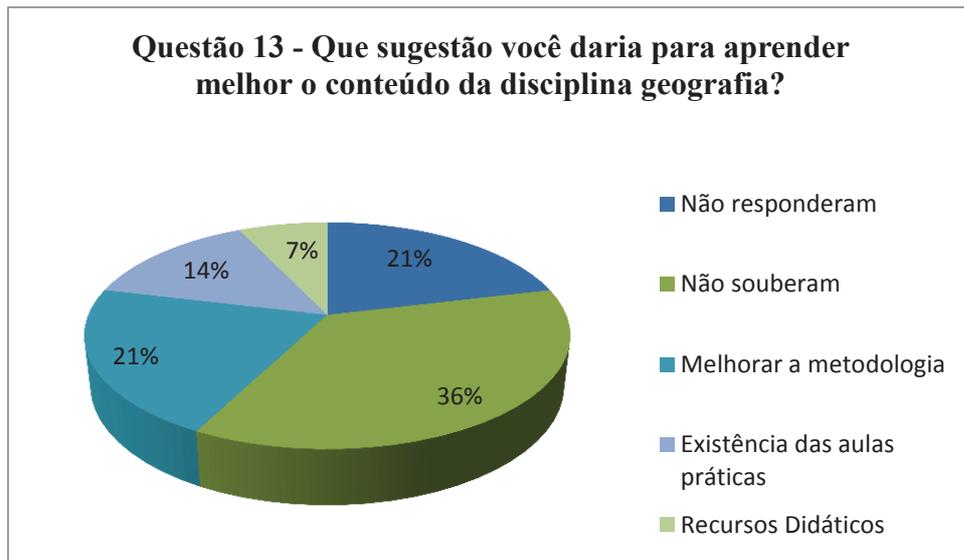
Foi visto que 43% dos alunos relatam dificuldade em ler mapas e 43% afirmam que não tem essa dificuldade, dedicando-se a isso, já que é de extrema importância para a constituição do raciocínio certa interpretação de mapas por parte dos alunos na disciplina.

Figura 13 - Questão 12: Adaptação dos conteúdos à realidade local.



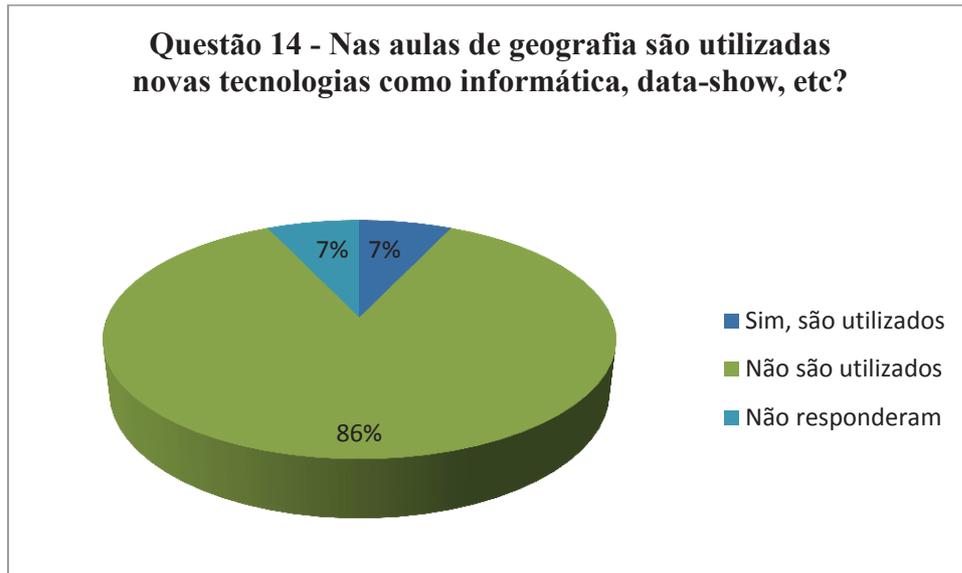
Estes relatos foram de grande importância já que 64% afirmam à adequação dos assuntos à realidade local, pois favorece de forma significativa o aprendizado dos alunos nesta disciplina.

Figura 14 – Questão 13: Sugestão para a melhoria do ensino.



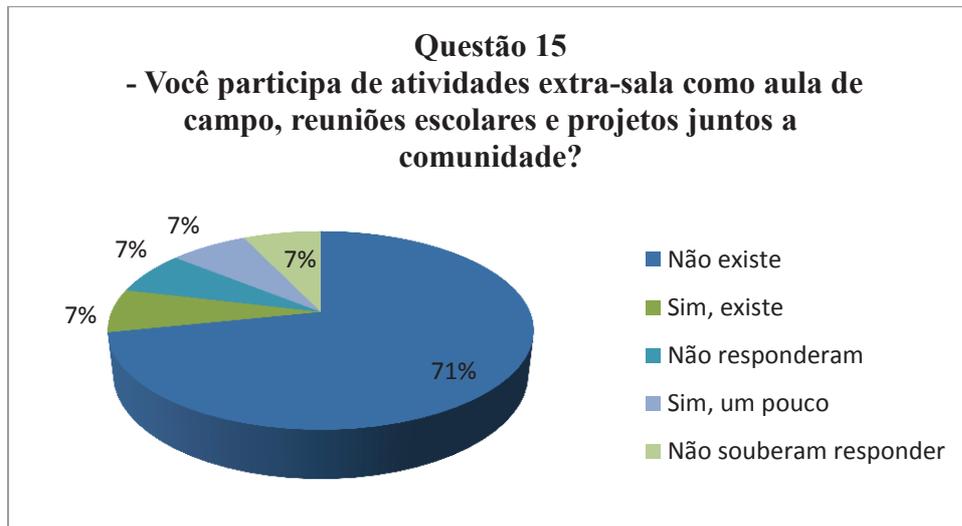
Dos alunos, 21% reclamam da metodologia adotada, assim como a falta ou a inexistência de aulas práticas/campo.

Figura 15 – Questão 14: Uso de novas tecnologias.



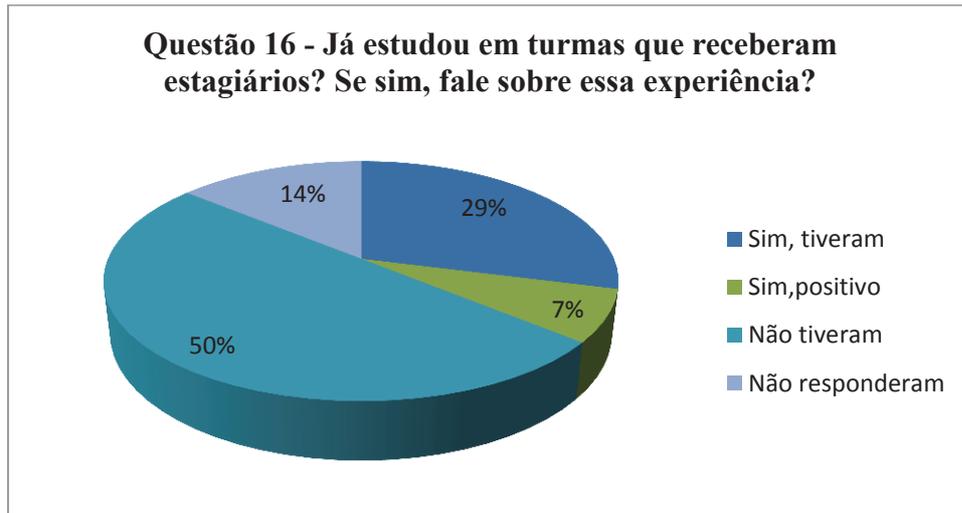
Os alunos relatam (86%) que não há o hábito de utilizarem novas tecnologias nas aulas, mesmo estas sejam de grande importância para romper com a mesmice do cotidiano nas salas de aula, facilitando a manutenção da atenção do aluno e o melhor aproveitamento da aula pelo mesmo.

Figura 16 – Questão 15: Participação dos alunos em aulas de campo.



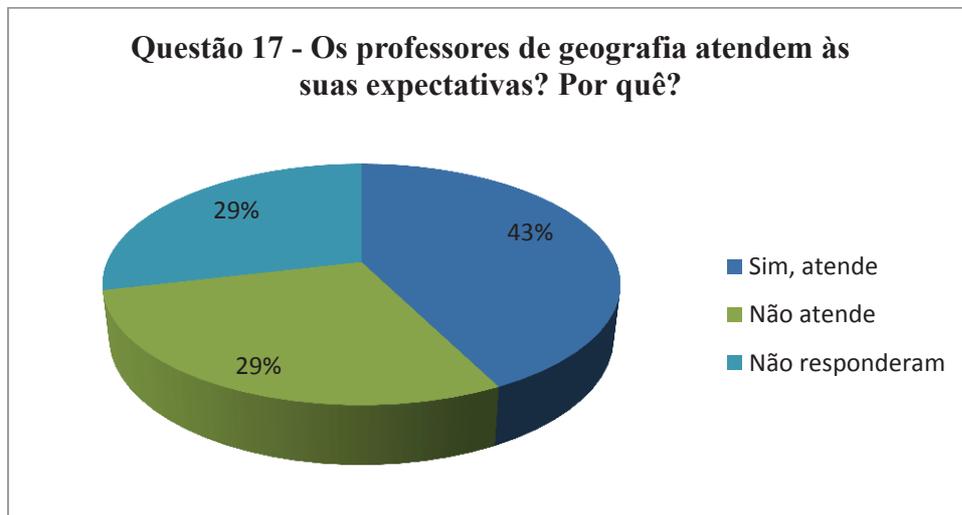
Neste tema, grande parte dos alunos (71%) relata que este, como outros temas relacionados às aulas de campo, reuniões escolares, ou seja, “extra sala”, não existe, o que é uma falha por parte da direção desta escola.

Figura 17 – Questão 16: Participação dos estagiários no dia a dia dos alunos.



Pôde-se perceber que grande parte dos alunos (50%) afirma que não tiveram nenhuma experiência com estagiários, já 29% afirmam que tiveram experiências com estagiários, mas não quiseram ou não souberam relatar essa experiência, e só 7% afirmam que teve experiência com estagiários e conclui que ela foi “tranquila”, o que demonstra, de forma positiva, a participação dos estagiários, assim como sua participação para a formação destes futuros docentes.

Figura 18 – Questão 17: Satisfação dos alunos em relação ao professor.



Neste tema viu-se que a maioria (43%) afirma que atendem a expectativa, mas dizendo “explica bem a respeito da matéria”, já 29% afirmam que não atende, mas 29% não quiseram opinar sobre o mesmo.

3 CONCLUSÃO

A partir das interações abordadas, no presente Trabalho, tendo como amostra o ensino de Geografia na rede pública, especificamente na modalidade de Educação para Jovens e Adultos, podemos encontrar na sala pessoas com idades bastante diferenciadas e com objetivos também diferenciados. Dessa forma, o professor/estagiário deve se mostrar envolvido com o tema e com a turma, com suas experiências de vida, que podem ser inseridas no processo de ensino/aprendizagem.

Verificamos a necessidade de (re) pensar alguns procedimentos em sala de aula. Pois, considerando nossa regência, o que foi observado em sala, e as respostas dos alunos ao questionário, percebemos que os conteúdos trabalhados em sala e a metodologia utilizada não são adequados à formação dos alunos, já que não permitem compreender a realidade e o espaço em que vivem, pois trabalham apenas com aulas tradicionais, não colocam os alunos como sujeitos que modificam o espaço. Para a maioria a Geografia ainda é algo distante, alguns sequer conseguem responder o que é Geografia.

Ao pesquisar sobre a temática, torna-se necessário que a metodologia utilizada atinja o público alvo, desperte entusiasmo, envolvimento e desejo pelo conhecimento, para continuarem em sala. Faz-se necessário novas abordagens que saiam do ensino tradicional e desenvolvam alternativas, onde o aprendizado esteja presente não apenas na sala de aula, mas, nas experiências diárias.

Por fim, fora de grande relevância o estágio e a vivência com os alunos e alunas da EJA, visto que em uma turma mista e com diversos universos de vida, o professor é capaz de identificar as dificuldades de cada sujeito. Assim, diante dos inúmeros desafios, é possível transformar o ensino de Geografia para uma maneira atualizada e crítica, dando possibilidades para o aluno compreender a realidade e o espaço em que está inserido.

Difficulties on Teaching Geography: An applied study at a public school in the city of *Campina Grande - PB*.

ABSTRACT

About difficulties on education in general, we bring discussions concern the challenges of teaching Geography in public schools. Especially at the *Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula*, where the traineeship was performed. In fact, it could enable concrete experiences involving all the dynamics of school life. And there, the grade was situated at the second year of high school during night shift. So that, it is call *EJA – Educação de Jovens e Adultos* (Youth and Adults Education), in which mixed ages are inserted, and classes should lead with different degrees of knowledge and learning. Therefore, the present study indicates the need for (re)think teaching creatively. It should collaborate to reach a greater understanding for students, and about students. Also, it needs to surpass the lack of updated educational material. In addition, interviews were done with all students in the class, guided by a questionnaire. Subsequently, collected data were organized as a chart. Through these, it was possible to outline an authentic *profile* on those students and classes: about their understanding on the subject; the methodology applied; opportunity of outdoor lessons; how classes could be conducted; relationship among them and the teacher; what could even be changed etc.

Keywords: Public Education; Geography; Challenges.

REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BURIOLA, Marta A. F. **O Estágio Supervisionado**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CARLOS Ana Fani, (org). **A geografia na sala de aula**. 4. Ed.São Paulo: Contexto, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Processo nº 230001.0000 40/2000-55, parecer CEB nº 11/2000, aprovado em 10.05.2000.

FRANCO, Barbosa, PUGLISI, Maria Laura **Análise de Conteúdo**. Brasília: Liber, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos; **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Coleção Magistério, 2º Grau Série Formação do Professor. São Paulo: Cortez, 1999.

LOPES, Selma Paragussu, SOUSA, Luiza Silva. “EJA: Uma Educação Possível ou mera Utopia?”. In: ARBACHE, **formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica**. Disponível em http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/revista_selvaplopes.pdf , acesso em 20/ 02/13.

MACEDO, E.F.M. “Parâmetros curriculares nacionais: a falácia de seus temas transversais.” In: MOREIRA, A.F.B.(org.). **Currículo**: políticas e práticas. São Paulo: Papirus, 1999.

MARGARIDA, Marisia; BUITONI, Santiago. **Geografia**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MOREIRA, A.F.B. (org.). **Currículo: políticas e práticas**. São Paulo: Papirus, 1999.
 NUNES, Adão Cícero Ferreira. **As dificuldades de ensinar geografia**. Londrina: Volume 13, Número 1. JAN./JUN. 2004.

NUNES, R. B. **O Ensino da Geografia na Sala de Aula**. Pelotas: UFPEL, 2008.

OLIVEIRA, Marlene Macário. O meio ambiente na geografia crítica e na geografia humanística: desafios metodológicos para uma didática reflexiva do espaço na escola. **Revista de Geografia**. Recife: v. 25, n. 3, set/dez. 2008.

OLIVEIRA, Marlene Macário. A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis: Nº 02, p. 10-24, jun/2006.

PASSINI, Elza Yasuko; PASSINO, Romão; MALYSY, Sandra T. **Prática de ensino em Geografia e estágio supervisionado/ (orgs)**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contexto social em mudança**. Prática reflexiva e participação crítica. Caxambu. 1999. Disponível em: <http://docplayer.com.br/417594-Formar-professores-em-contextos-sociais-em-mudanca-pratica-reflexiva-e-participacao-critica.html>. Acesso em: 20/05/2016.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 21 – 80.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortês, 2004.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: o Desafio da Totalidade - Mundo nas Séries Iniciais**. São Paulo: Anna Blume, 2004.

TADIOTTO, Luciana Bedin; BOGADO, Samir Recalde; SPANCESKI, Janice Licieski. **O ensino da Geografia e o Aprendizado na Escola**. Faculdade de Ensino de São Miguel do Iguaçu. Uniguaçu: Faesi, 2005. Disponível em: <http://www.faesi.com.br/nucleo-de-pesquisa-cientifica/75-portal-do-saber/220-o-ensino-de-geografia-e-o-aprendizado-na-escola>. Acesso em: 20/04/2016.

TAMDIJIAN, James; MENDES, Ivan Iazzari. **Geografia: Estudos para compreensão do espaço**. São Paulo: FTD, 2010.

ANEXO A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS (PROEAC)
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA (DG)
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
COMP. CURRICULAR: ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA I
PROFESSOR ORIENTADOR: ALDO GOMES LEANDRO

QUESTIONÁRIO-DIAGNÓSTICO

Para o aluno:

1) Você gosta de Geografia? Por quê?

2) O que entende por Geografia?

3) Quais as suas principais dificuldades em aprender Geografia?

4) Qual a importância da Geografia para você?

5) O que entende por:

a) Lugar: _____

b) Região: _____

c) Paisagem: _____

d) Território: _____

e) Espaço: _____

6) O que considera necessário para tornar as aulas de Geografia mais interessantes?

7) As atividades de Geografia são realizadas em conjunto com outras matérias?

8) O livro didático de Geografia atende às suas expectativas? Por quê?

9) As formas de avaliação adotadas em Geografia são adequadas?

10) Como gostaria de ser avaliado?

11) Você apresenta alguma dificuldade em ler mapas?

12) Os assuntos estudados durante o ano são relacionados à realidade do seu município e da Paraíba?

13) Que sugestões você daria para aprender melhor o conteúdo da disciplina Geografia?

14) Nas aulas de Geografia são utilizadas novas tecnologias como informática, data-show etc.?

15) Você participa de atividades extra-sala como aula de campo, reuniões escolares e projetos junto a comunidade?

16) Já estudou em turmas que receberam alunos estagiários? Se sim, fale sobre essa experiência.

17) Os professores de Geografia atendem às suas expectativas? Por quê?

CAMPINA GRANDE, _____ de _____ de 2011.